

**Corpo e comunicação litúrgica:  
considerações para a questão da participação ativa, plena, frutuosa e consciente nas ações litúrgicas**

Eurivaldo Silva Ferreira – email: [euriferreira@gmail.com](mailto:euriferreira@gmail.com)  
Mestrando em Teologia Sistemática dom concentração em Liturgia, pela PUC-SP, Brasil

### Introdução

Diz o n° 11 da *Sacrosanctum Concilium* (SC) que participemos ativa, plena, consciente e frutuosa da ação litúrgica. Para isso é necessário que lancemos mão de conhecimentos extrassensoriais, sobretudo porque é o nosso corpo que se lança nessa participação.

Já que a liturgia exige participação para a realização de sua eficácia, a SC recomenda que o coração do fiel participante das ações litúrgicas acompanhe sua voz, por isso saibam o que estão fazendo (participação ativa e consciente), e não sejam meramente assistentes, mas participantes por inteiro, se não a graça, à qual está destinada a liturgia, não tem efeito. Podemos dizer que, como a graça é dom gratuito de Deus, os que a recebem, procurem tornar-se conscientes a fim de que não a recebam em vão. A SC 11 usa a expressão ‘cooperar com a graça do alto’, é também chamado de ascese, justamente afirmando que, de nossa parte, a graça deve se alocar, isto é, procurar um lugar, a fim de que ela possa ser eficaz. A este propósito de graça que vem do Senhor e deve encontrar um receptáculo, o livro da Sabedoria afirma que ‘a graça e a misericórdia de Deus são para os seus escolhidos, e sua visita para seus santos’ (cf. Sab 4,15).

Não se trata de um automatismo, mas consideremos que seja por simples exploração do universo do qual fazemos parte. O ponto de partida é a experiência vivida e acompanhada através de um processo de integração com o todo, com o ambiente, com o espaço, com a natureza, com o universo, com o cosmos. Todos participamos ativamente da vida do mundo no qual estamos inseridos<sup>1</sup>. Sem dúvida, não “exploramos” esse mundo sem antes conhecê-lo, seja pelo aspecto de apropriação, seja pelo aspecto de investigação, a fim de que dele possamos aproveitar e usufruir o máximo possível. Entre o “já” e o “ainda não” da nossa existência futura, está o agir celebrativo, nele o universo se atualiza pelo culto, como unitotalidade<sup>2</sup>.

É a partir desse horizonte, que contempla graça e universalidade, que mergulhamos no fazer liturgia, do celebrar a liturgia. Como se dá isso? Nossos corpos aceitam a possível proposta de que eles participam da natureza pela qual a liturgia é destinada, o louvor a Deus e a nossa glorificação, seres humanos animados pelo Espírito que em nós habita, reunidos em assembleia. Nesta assembleia, o mistério que é revelado pela ação ritual, exige de nós uma compreensão do todo, isto é, não apenas compreendemos parte do mistério pela admissão racional, pelo lado intelectual, mas trata-se de dizer que boa parte da compreensão mistagógica adentra nossos poros, nossos sentidos, penetra nossos ossos, vai até as entranhas dos nossos órgãos. Isso só acontece quando entramos com inteireza na ação ritual. Por isso, afirmamos que nossos corpos participam inteiramente da dimensão litúrgica. Essa dimensão só pode ser comunicação, pois na liturgia há um diálogo entre Deus e os humanos, através da prece e do rito, da súplica e do louvor, dos sinais sensíveis e mistagógicos. É sobre isso que trata nosso artigo.

Entendemos que, do mesmo modo que o Concílio Vaticano II quis consolidar uma “reforma do corpo eclesial”, começando pela reforma da liturgia, assim, nosso corpo vital deve ser reformado a partir dos ritos que celebramos<sup>3</sup>. É isso que pedimos no conjunto das orações ao longo do ano litúrgico, como que remédio, a fim de que mantenhamos a saúde perfeita, tanto corporal como espiritual. Por isso, na liturgia, nossa participação corporal é fonte de eficácia na participação na vida celeste, à qual almejamos ser incluídos um dia, com todos os anjos e santos<sup>4</sup>. Nossos corpos, participando da comunicação ritual, da oração, do louvor, desejam comunicar-se futuramente, também, pois essa linguagem nos permite viver aqui, no já e agora de nossa existência, a garantia da vida futura<sup>5</sup>.

O que a linguagem racional não consegue expressar com o intelecto, nós a expressamos com a linguagem celebrativa, e fazemos isso através de ritos, que são auxiliados e compostos por sinais e símbolos. Dentro da expressão celebrativa estão os gestos corporais, por isso, uma grande variedade e riqueza de expressões corporais, gestuais e simbólicas caracteriza a piedade popular (...). Esta é feita de gestos (beijar, ajoelhar-se, apresentar ofertas, acender velas, organizar romarias etc). Tais expressões, que se transmitem há séculos, de pai para filho, são maneiras diretas e simples de manifestar externamente o que o coração sente e o empenho de viver cristãmente. Sem esse componente interior corre-se o risco de que os gestos simbólicos acabem se tornando vazios e, no pior dos casos, superstição<sup>6</sup>.

Por isso, podemos afirmar que ritos são como que “eventos” e não relatos<sup>7</sup>. Como evento, o corpo participa da natureza de sua ação, totalmente. O mesmo não se pode dizer do relato, pois apenas um sentido participa dessa natureza, a audição. No nível do relato nem se pode falar na via do sentido da fala, da voz, pois estes são mecanismos do corpo biológico. Vendo a natureza ritual tida como evento, entendemos então sua natureza memorial, pois no rito se mostra a lembrança do fato vivido, por alguém, por um povo, por uma comunidade.

<sup>1</sup> É o que nos diz a Oração Eucarística IV, inspirada no relato da criação em Gn 1,28: (...) Pai santo, a sabedoria e o amor com que fizestes todas as coisas: criastes o homem e a mulher à vossa imagem e lhes confiastes todo o universo, para que, servindo a vós, seu Criador, dominassem toda criatura’.

<sup>2</sup> VAGAGGINI, Cipriano. *O sentido teológico da liturgia*. São Paulo: Loyola, 2009, p. 277.

<sup>3</sup> Nos textos das Orações Eucarísticas há uma súplica da assembleia: ‘Fazei de nós uma perfeita oferenda’ (III) ou ‘Fazei de nós um sacrifício de louvor’ (IV). Para o Concílio, a reforma do corpo eclesial exige que o corpo celebrativo tenha dimensão de perfeição, de sacrifício perfeito, é o objetivo para onde tende a ação litúrgica, o de fazer com que a exemplo da perfeita oferenda, o Cristo, que se oferece ao Pai, a assembleia litúrgica se transforme também em perfeita oferenda.

<sup>4</sup> Em geral, todas as Orações Eucarísticas encerram com essa intercessão.

<sup>5</sup> Cf. Prefácio dos Domingos do Tempo Comum, VI. Missal Romano, São Paulo: Paulus, p. 583

<sup>6</sup> Cf. Diretório de Piedade Popular, princípios e orientações. Congregação para o culto divino e a disciplina dos sacramentos. São Paulo: Paulinas, 2033, pp. 23-24.

<sup>7</sup> Costa, Valeriano Santos. Viver a espiritualidade litúrgica como momento histórico da salvação: participação litúrgica segundo a *Sacrosanctum Concilium*. São Paulo: Paulinas, 2005, p.51 (Coleção celebrar e viver a fé).

A partir do diálogo de Jesus com Nicodemos, em Jo 3,1-22, encontramos a possibilidade de nos tornarmos novas criaturas em Deus, nascidos do alto, isto é, nascidos a partir de Jesus. Essa passagem nos traduz numa reformulação de ser: o encontro conflituoso com a sociedade é a chave para abriremos nossa compreensão para o julgamento de Deus, que se dá pela via do amor e pelo modelo paradigmático de Jesus Cristo. Isto é, a pertença a Jesus Cristo exige de nós que nossos corpos se mudem para nos atribuímos de uma capacidade muito mais interna do que externa, a fim de que a vida nova aconteça.

Podemos traduzir isso só pela via da analogia. A exemplo, tomemos os sacramentos que imprimem caráter: batismo, crisma e ordem. No batismo, dá-se a incorporação de um novo membro a um corpo místico, que é a Igreja. Na confirmação, a perfeição do caráter batismal, isto é, o fortalecimento da pertença eclesial e da maturidade apostólica. No sacramento da ordem, o dom do ministério apostólico que continua sendo exercido na Igreja para o serviço pastoral a todos os fiéis<sup>8</sup>. Essa ‘impressão’, como que marcas, que não as vemos corporalmente, pertence ao nível do simbólico, por isso os ritos nos ajudam nessa compreensão. Outra possibilidade de análise corporal é partirmos da significação da sensibilidade ao banquete, com o qual relacionamos a ação sacramental, principalmente a celebração da Eucaristia. Nela, cada qual experimenta de forma pessoalmente no banquete, o sabor, cada qual com seu paladar. Mas, apesar de o banquete ser comunitário, mas a ação e a dimensão comensal são experimentadas na sua dimensão pessoal. Não se faz um banquete sem se ter a apreciação do sabor pessoal. O filme ‘A festa de Babette’ mostra bem essa dimensão, cuja referência do banquete preparado para os moradores de uma pequena cidade os faz inserir numa linguagem do deleite, antes então ainda não percebido<sup>9</sup>.

Ainda explorando a dimensão corporal com os ritos que experimentamos em nossa existência, podemos comparar com a imagem do choro, principalmente em ocasiões de cerimônias exequiais. O corpo chora. De fato, ainda não nos preocupamos com quem estará no nosso velório para chorar por nós. O fato de as pessoas chorarem a morte de seus entes queridos e a nossa morte significa que nós conseguimos atingir relações com Deus no nível da adoração, com as pessoas no nível da intimidade, e com o mundo, no nível da vinculação com a criação.

Várias imagens de relação corporal da Palavra de Deus com seu povo eleito nos trazem a Exortação pós-sinodal *Verbum Domini*, nos números 22, 51, 85 e 124, em que, através de uma relação de núpcias, sponsal, Deus se comunica com o seu povo.

No entanto, o mundo moderno rompeu a ligação entre o consciente e o inconsciente. Por isso é que hoje não entendemos a linguagem dos dogmas, das fábulas, dos mitos etc. A modernidade, apesar de possuir todos os recursos tecnológicos da comunicação, não permite aos nela inseridos o senso da compreensão da linguagem metafórica.

Jung dizia que essas imagens têm um impacto psicológico forte, o que contribui para a psique. Ela pode se transformar qualitativamente, não somente o corpo, mas o psiquismo, podendo se transformar para melhor ou para pior.

Devido nossa pouca compreensão acerca do mistério de Cristo que a nós vai se desvelando pouco a pouco no decorrer do ano litúrgico, e apesar da conjuntura eclesial em que nos encontramos não nos permitir que cumpramos com cuidado o que nos diz a *Sacrosanctum Concilium* nº 11, acerca do cuidado dos pastores na participação do povo, é necessário fazer aqui várias interrogações.

De fato, no contexto celebrativo de nossas igrejas e comunidades, perguntamos o que é celebrar, o que celebramos, como nossos corpos celebram, e se estamos inteiros nas celebrações? Como nossos ritos nos ajudam na compreensão da corporeidade e na comunicação com o transcendente? Nossos corpos conjugam ritualidade e corporeidade, em sintonia?

Para sairmos da trincheira do permitido e do permissivo, nos atribuímos da afirmação de Vagaggini, na qual diz que ‘corpo e alma participam e cooperam, cada um a seu modo, não somente as faculdades psíquicas, mas também as físicas. E entre as faculdades psíquicas participam e cooperam não somente aquelas espirituais, intelecto e vontade, mas também aquelas sensitivas: sentidos externos e internos, paixões e afetos<sup>10</sup>.

Nesse sentido, a *Sacrosanctum Concilium* resgata para uma compreensão positiva a imagem do corpo, opondo-se à antiga afirmação de que o corpo serve como aprisionamento da alma, e que este servia como impedimento à liberdade da alma. Assim, o corpo agora é considerado como instrumento para o voo ao alto, e não mais como inimigo<sup>11</sup>. Não se trata de jamais abolir o corpo e os sentidos, mas de servir-se deles como instrumentos flexíveis e maleáveis a serviço da vida em nós<sup>12</sup>. Essa vida nos é dada pelo agir celebrativo, no qual se faz memória d’Aquele que um dia se deu em vida por nós.

De fato, estar inteiro compreende que corpo, espírito, mente e coração estão plenos de sua capacidade laudativa de entrar em sintonia com o mistério, isto é, comunicar-se. A isso, Vagaggini chama de atualização humana pela vida divina<sup>13</sup>. Não se trata de apenas dizer: meu corpo está aqui, mas, na prática, se ele não tiver com suas potencialidades ativadas para a esperada participação que resulta numa atitude de frutuosidade para a vida de quem celebra e para a vida do mundo, de nada valerá a presença física no espaço celebrativo. Por isso, quando o corpo toma consciência, através de elementos cognitivos ou de elementos extra-sensoriais, no caso da liturgia os sinais e símbolos, aí acontece a inteireza do ser, justamente porque é necessário que o mistério que se é agrado através da súplica e do louvor, possa reconhecer na dimensão da corporeidade a experiência da criatura criada.

A exploração dos ritos através de nossas capacidades corporais é o que delinea nossas celebrações. Não só o racional entra nessa exploração, mas somos introduzidos na compreensão ritual, teológica e espiritual, características das quais se atribui o rito. Sem os ritos não há comunicação com o transcendente. Sem nossos corpos de nada valerá o rito, ficaria apenas no racional, no imaginário de nossas elucubrações. Afinal, de que valerá celebrarmos se não estivéssemos inteiros, se não fôssemos dotados de corporeidade?

<sup>8</sup> Cf. Documento de Aparecida, pág. 88-89.

<sup>9</sup> A festa de Babette, 1987, MGM.

<sup>10</sup> VAGAGGINI, Cipriano. *O sentido teológico da liturgia*. São Paulo: Loyola, 2009, p. 278.

<sup>11</sup> VAGAGGINI, Cipriano. *O sentido teológico da liturgia*. São Paulo: Loyola, 2009, p. 279.

<sup>12</sup> VAGAGGINI, Cipriano. *O sentido teológico da liturgia*. São Paulo: Loyola, 2009, p. 279.

<sup>13</sup> VAGAGGINI, Cipriano. *O sentido teológico da liturgia*. São Paulo: Loyola, 2009, p. 280